

# VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

## SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES FRENTE AO DIAGNÓSTICO DE HIV: RELATOS DE HISTÓRIA ORAL

**Agna Teixeira Braga<sup>1</sup>, Vanessa Silva Gaspar<sup>2</sup>, Rafael da Silva Pereira<sup>3</sup>,  
Ana Beatriz Alves de Oliveira<sup>4</sup>, Luan Layzon Souza Silva<sup>5</sup>, Ana Virgínia de  
Melo Fialho<sup>6</sup>, Emanuely Vieira Pereira<sup>7</sup>**

**Resumo:** Objetivou-se relatar sentimentos de mulheres frente ao diagnóstico de soropositividade para o HIV. Estudo descritivo, exploratório com abordagem qualitativa que utilizou o método de história oral. A coleta ocorreu de julho a setembro de 2021. Mediante o diagnóstico de soropositividade, as mulheres vivenciaram: medo de morrer, insegurança, angústia, tristeza, mágoa pela contaminação através de seus parceiros, raiva, desespero, choro, ideação suicida, negação e a vivência do preconceito. A saúde mental das participantes foi afetada negativamente pela vivência de sentimentos negativos frente ao diagnóstico de infecção pelo HIV/Aids.

**Palavras-chave:** Vírus da Imunodeficiência Humana. Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Mulher. Sentimentos.

### 1. Introdução

A descoberta da soropositividade para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é traumática, repercutindo em alterações psicoemocionais ao se depararem com o diagnóstico que ainda não oferece possibilidades de cura (GUIMARÃES *et al.*, 2016). Dessa forma, o impacto do diagnóstico positivo e a convivência com HIV, às vezes, é permeado por sentimentos intensos e angustiantes com o desejo de morte iminente, contribuindo para dificuldade na comunicação e revelação do diagnóstico (SERRA *et al.*, 2013).

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: agna.teixeira@urca.br

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: vanessa.gaspar@urca.br

<sup>3</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: raffael.silva@urca.br

<sup>4</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: anabeatriz.alvesdeoliveira@urca.br

<sup>5</sup> Universidade Estadual do Ceará, E-mail: luanlayzonpsi@gmail.com

<sup>6</sup> Universidade Estadual do Ceará. E-mail: virginia.fialho@uece.br

<sup>7</sup> Universidade Regional do Cariri, E-mail: emanuely.pereira@urca.br

# VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

Assim, este estudo pretende responder: Quais os sentimentos vivenciados por mulheres ao receberem o diagnóstico de HIV?

Dessa forma, este estudo justifica-se pelo interesse em conhecer e descrever os sentimentos de mulheres frente ao diagnóstico de HIV e contribuição para o desenvolvimento de estudos no atendimento integral a mulheres soropositivas.

Apresenta relevância pela oportunidade de utilizar a história oral para conhecer os comportamentos perante o diagnóstico e os sentimentos expressados pelas mesmas de modo a contribuir para auxílio nas abordagens profissionais nos ambientes de acolhimento, e por conseguinte, na elaboração de plano de cuidados, assim como integrará fonte de informações para pesquisadores da saúde e para outras mulheres que vivenciam o diagnóstico.

## 2. Objetivo

Relatar sentimentos de mulheres frente ao diagnóstico de soropositividade para o Vírus da Imunodeficiência Humana.

## 3. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa subsidiada pelo método da História Oral, a partir de entrevistas da coleta de dados realizadas de julho a setembro de 2021.

Foram incluídas mulheres que vivem com HIV/Aids e que realizam acompanhamento em um Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Reprodutiva e Sexual da Região Centro-Sul do Ceará.

Foram excluídas 14 pacientes, por impossibilidade de colaborar verbalmente, crianças, adolescentes, as que não compareceram ao serviço nos dias das entrevistas e as que se recusaram, assim, se obteve 16 mulheres que aceitaram participar da pesquisa.

As entrevistas foram concluídas obtendo o número de mulheres acima, após a identificação da saturação teórica dos dados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Estes, foram coletados por meio de entrevista semiestruturada individual gravada em áudio, utilizando o *Smartphone* Samsung modelo A50, transcritas de acordo com as falas das mulheres, mantendo a fidedignidade, as quais serão expressas em trechos no estudo. Estas, serão identificadas com a letra M referindo a palavra mulher, seguida por um número ordinal de realização da entrevista, exemplo: M1, M2, M3, etc.

Este estudo obteve consentimento pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o seguinte parecer nº 3.895.896/2020

## 4. Resultados

# VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

As participantes possuíam idade entre 20 e 57 anos, sendo a maioria delas com idade acima de 40 anos e cisgênero. Predominaram divorciadas, alfabetizadas, desempregadas e com renda mensal entre um e dois salários mínimos e com diagnóstico há mais de 10 anos. Uma convive há 20 anos com a doença, duas delas há 1 ano e outras duas receberam seu diagnóstico no ano de 2021. Algumas se apresentam deprimidas, com baixo peso, diagnosticadas com Hipertensão Arterial e problemas cardíacos.

Evidenciam-se impactos negativos na saúde mental desde o recebimento do diagnóstico de soropositividade, onde algumas mulheres relataram estar em tratamento psicofármaco e psicoterápico, e sempre emocionaram-se ao dialogarem sobre sua história com a doença:

*M1: “Mulher, eu não vou mentir não, pra mim eu tentei me matar, não, eu não tentei, eu pensei em me matar... por causa que pra mim eu ia dizer: meu Deus do céu o povo vai olhar pra mim diferente [...] Ai... tive uma ansiedade que meu Deus do céu, tão grande, quase entrava em depressão [...] Só senti tristeza, chorava muito, aí apareceu a ansiedade, aí comecei a tomar remédio pra ansiedade[...].”*

*M10: “O sentimento era que eu não queria mais viver, eu queria morrer. Pensava que pra mim o mundo tinha se acabado, pensava que eu ia morrer logo e também o preconceito das pessoas, principalmente família. A minha não sabe... ninguém, só o pessoal da saúde, a família não aceita [...].”*

*M15: “[...]achei que ia adoecer logo e ia morrer, mas eu fiquei muito desesperada, não conseguia comer, não dormia, fiquei muito abalado, até hoje, é tanto que pode passar uns dois, três dias, mas aí volta tudo de novo, aquele sentimento[...].”*

Predominou nos relatos o medo do preconceito que culminou na omissão do diagnóstico para familiares e amigos. Evidenciou-se ainda sentimentos negativos relacionados à morte, tristeza, raiva, angústia, decepção e mágoa:

*M9: “Eu chorava muito, pensava porque eu tenho um filho de 15 anos, pensava em morrer e ter que deixar ele, é difícil, mas agora eu tô mais conformada.”*

*M2: “Ruim né, porque não é fácil né. Me senti péssima né, senti tristeza, meus filhos até hoje não sabe [...]. Tive medo assim de pouco tempo de viver, achando que eu não ia ter muito tempo [...]. Fiquei chateada porque antes dele me conhecer porque ele não chegou e se preveniu [...] chateada, magoada né porque ele me enganou né, tivesse sido realista, né?”*

*M5: “Minha vontade era de matar ele, tanta raiva que eu tive dele, que ele me enganou né, tivesse sido sincero. Fiquei triste, com medo, o pessoal dizia que a doença era isso era aquilo, mas aí no momento eu fui vivendo a vida [...] Tem hora que eu fico assim pensando: ‘Meu Deus será que eu vou ainda poder ser mulher, ter transa, essas coisas ne? [...].’”*

A fala acima expressa o isolamento em que a participante vive desde que obteve a doença e a decepção pelo parceiro, causando medo de se relacionar novamente e principalmente a incerteza e o sentimento de insuficiência em viver um novo relacionamento e voltar a ter uma vida sexualmente ativa.

# VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

O preconceito também foi algo referido pelas mulheres constantemente em suas falas, este, sendo um dos principais motivos para aumentarem o sofrimento e baixa autoestima:

*M15: “[...] É muito difícil você ter essa doença, principalmente o preconceito, você acha que todo mundo que olhar pra você já tá escrito assim: tem aids! [...]”*

*M7: “Eu achei que eu não ia ser mais gente no mundo nunca (risos), que todo mundo ia olhar pra mim como se eu fosse um lixo né, mas é só coisa que o povo faz, preconceito que o povo coloca, a gente mesmo. Eu fiquei assim um pouco pensativa, fiquei triste, mas aí depois eu “homê, tem tanta gente no mundo desse jeito ne?”. As vezes quando eu tô conversando com meu companheiro eu jogo na cara dele ne! (risos).”*

Outras participantes relataram estarem bem com a soropositividade e que no momento em que receberam o diagnóstico sentiram-se normal, mas que ao passar dos dias, expressaram sentimentos:

*M4: “Normal. Me alterei não. A gente sente por dentro um vazio... sei lá como se diz... mas é assim mesmo, a gente tem que enfrentar a vida [...] Eu senti tipo um choque, quando você recebe uma notícia ruim né, fiquei daquele jeito. Mas, foi caindo a ficha, fui sentindo angústia, raiva.”*

*M14: “Sei lá... Normal. Mas eu não sabia do que se tratava. Quando os profissionais me explicaram, aí eu fiquei triste, só.”*

Em algumas falas no momento da entrevista, algumas mulheres pareciam não ter conhecimento sobre a doença, ou não respondiam por vergonha e/ou falta de confiança. Uma participante foi abordada duas vezes em três semanas de entrevistas, a mesma recusava ter HIV/Aids, porém, obtinha resultado de soropositividade, mas encontrava-se em estado de negação à doença.

Outras mulheres, expressaram seus sentimentos e em seguida seu processo de aceitação da soropositividade:

*M11: “Armaria, foi ruim demais pra mim, mas tem que vencer né. Senti tristeza, raiva, mas depois fui seguindo pra frente.”*

*M13: “Desespero, tristeza né... mas, depois passa. Não fica permanente não.”*

*M16: “Fiquei triste, parada, sem noção, mas aí eu comecei a pensar novamente a não desistir da vida, em não desistir de viver, hoje eu me sinto uma pessoa normal.”*

Houve uma participante em que afirmava não ter sentido nada e se expressou na seguinte fala:

*M3: “Do jeito que estou aqui, bem tranquila. Nenhum sentimento ruim, de jeito nenhum, nada, graças a Deus.”*

# VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

Diante do exposto, é notável as vulnerabilidades que as mulheres vivenciam mediante diagnóstico de HIV/Aids, expresso pelos diversos sentimentos que passam a fazer parte de suas vidas. O conhecimento desses apresenta relevância para a elaboração de práticas de enfrentamento e promoção da saúde mental das mulheres.

## 5. Conclusão

Os resultados desta pesquisa podem auxiliar no conhecimento de sentimentos e experiências de mulheres frente ao diagnóstico de infecção pelo HIV/AIDS, melhorar estratégias de enfrentamento das mesmas, impulsionar instituições acadêmicas, de saúde e à sociedade a debaterem perspectivas inerentes à infecção, com intuito de reduzir tabus, estigmas e preconceito.

## 6. Referências

AGOSTINI, A. *et al.* A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 24, n.12, p. 1-6, 2019.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMVByhrN/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2021.

GUIMARÃES, P. R. *et al.* Experiências com grupo de adolescentes vivendo com HIV/Aids em um centro de referência. **Rev Med**, v. 26, n. 8, p. 180-184, 2016.

SERRA, A. *et al.* Percepção de vida dos idosos portadores do HIV/AIDS atendidos em centro de referência estadual. **Revista Saúde em Debate**, n. 37, v. 97, p. 294-304, 2013.